

Fernando Tomé



ENTREVISTA COM O MORCEGO

Fernando Tomé

ENTREVISTA COM O MORCEGO

© Fernando Tomé

Essa é uma obra de ficção realizada durante a Residência Covid19 entre Março e Junho de 2020.

Fernando Tomé
São Paulo, SP - Brasil
www.fetoli.com

Uma realização, não importa o tamanho, pode ser iniciada apenas pela inquietude de uma mente perturbada

PRÓLOGO

Era o início do Outono, lá pelos idos de 2020, um vírus que veio lá do Oriente. Era da família "coronavírus" e a comunidade científica mundial o batizou de COVID19. Se espalhou rapidamente, ultrapassando fronteiras, continentes, assustando a todos. Autoridades em alerta, comunidade científica mobilizada para pesquisar e tentar explicar o que estava acontecendo, orientar o que fazer para se proteger da epidemia que após ser promovida à pandemia teve seu status global reconhecido e já não era possível ignorá-la ou minimizar seus efeitos: sim, a coisa era séria e medidas críticas precisavam ser tomadas. Mensagens de "lave as mãos com sabão" já não seriam suficientes e nem o álcool gel nos salvaria. Era preciso mudar o comportamento coletivo de forma drástica e a sugestão para ficar em casa virou decreto, depois ordem, escolas, escritórios e o comércio

fecharam, as ruas precisavam ser esvaziadas, toda aglomeração humana estava proibida. Distanciamento e isolamento social, lockdown, home office, oxímetro e achatar a curva foram algumas palavras e expressões incluídas no nosso vocabulário do dia a dia.

Ficar em casa se tornou mais que uma obrigação, era um ato cívico e um cuidado para si e para a família, sobretudo idosos e pessoas com alguma condição de saúde que a colocasse no grupo de risco.

Pessoas isoladas tendem à solidão. A solidão leva ao tédio que pode nos fazer manifestar outros sentimentos que estão lá, em algum lugar dentro de nós. Por um combinação entre curiosidade, interesse jornalístico e necessidade de fazer algo para sair do ócio, um grupo de pessoas resolveu fazer uma série de entrevistas para registrar esse momento da humanidade, que imaginaram ser histórico, para ouvir o que se passa nos corações e mentes de pessoas que estavam seguindo as orientações das autoridades de Saúde. Divulgaram um

questionário nas redes sociais e selecionaram pessoas solteiras que indicaram que estavam praticando o isolamento social.

A PRODUÇÃO

O apartamento era quase perfeito: sala grande, janelas amplas, luz natural a tarde toda. A localização também era ótima, região central, fácil acesso de qualquer região da cidade. O melhor mesmo é que foi cedido por algum conhecido do entrevistador pelo tempo que fosse necessário. O "quase" ficava por conta de algumas partes do piso e das paredes que precisavam de uma reforma. Nada que a direção ou a pós-produção não possam resolver porque verba mesmo só se conseguirem vender o material depois. O orçamento para a produção é o que cada profissional puder colaborar, todo trabalho envolvido é na base do "contrato de fé", se comercializar dividimos senão é portfólio ou quem sabe inscrevemos em algum festival. Tudo simples mas feito por profissionais experientes e respeitando toda a parte sanitária de distanciamento e higiene.

O ENTREVISTADOR

Vicente Augusto está longe dos seus dias de glória, se é que ter sido presidente da Associação dos Blogueiros é algo a se destacar no currículo de um jornalista. Achei que tinha sido escolhido só porque arrumou o apartamento onde serão feitas as entrevistas mas parece ter algum talento. Além do mais não finge que é pop star, chega no horário, conversa com toda a equipe, só dá palpites sobre a entrevista em si e acata tudo o que os técnicos sugerem. Se diminuir pela metade as vezes que mexe no bigode e a produtora manda ele limpar a mão em seguida, conseguiremos fazer todas entrevistas sem ter que comprar outra caixa de álcool gel.

OS ENTREVISTADOS

A parte chata de produzir uma entrevista é convidar o entrevistado. Parece até que existe uma regra aprendida pelos famosos em algum curso que mesmo que a agenda esteja livre tem que falar que está ocupado na primeira data proposta, que às vezes é a única disponível. Com anônimos não tem isso e qualquer problema é só escolher outro do mesmo perfil. No caso o perfil era bem simples: ser solteiro ou solteira e seguir as orientações das autoridades de saúde pública.

Sem orçamento para divulgação tivemos que usar as redes sociais. Tínhamos que fazer as entrevistas em uma semana então era torcer para ter um número mínimo por dia e deixar claro que não tinha cachê em todas as etapas para evitarmos desistências só na última hora. A quantidade de candidatos foi razoável, a seleção foi mais angustiante do que fácil e tivemos que mudar o questionário um pouco e divulgar novamente para não parecer terapia. Só vamos saber se funcionou no final.

ENTREVISTAS

CLEONICE, 42 ANOS, PROFESSORA DE INGLÊS

Destaque um momento da sua vida: Tranquei a faculdade para viajar com um namorado europeu pelo mundo. Levei uma troca de roupa na mochila, uma jaqueta, sonhos e só

Vicente Augusto - Tudo bem Cleonice?

- Tudo... quer dizer... assim... levando, né?

VA - Que bom que você chegou mais cedo! Nossa primeira entrevista marcada foi meio rápida... Vamos começar direto com as perguntas, Ok?

– Por mim tudo bem.

VA – Como está se sentindo?

- Nossa! É a primeira vez que alguém me pergunta isso esse ano?

VA - Sério?!?

- Bem, assim, pensando que a pergunta foi sincera e eu posso realmente responder, é a primeira sim. Estou me sentindo como se o mundo fosse acabar e eu não sei se já fiz tudo ou se há algo ainda, sabe? É estranho, parece que vivi o melhor da vida há tanto tempo que agora tanto faz se terminar assim.

VA - E o que você faz quando isso acontece?

- Às vezes vou para a janela e fico pensando, perco a noção do tempo. Mas quando eu não estou muito bem, coloco uma música que gosto muito para a cabeça mudar de assunto.

VA - E tem funcionado?

- Normalmente sim, não consigo fixar meus pensamentos durante muito tempo no mesmo assunto. Às vezes fica só o sentimento.

VA - Alguma coisa permaneceu igual era antes?

- Acho que não. Tentei manter alguns horários mas durmo e acordo cada dia numa hora diferente e isso já mexe com tudo. Tinha a vida muito regrada, com tempo contado para tudo. Alguns dias dava sete aulas e tinha que contar cada

minuto, o dia passava muito rápido. Até meu gato mudou totalmente o comportamento, parece que está sempre nervoso nuns dias, outros fica escondido o dia todo e não sai nem para comer. Tenho medo dele ficar doente e eu ter que sair na rua para levá-lo ao veterinário.



MIRELA, 26 ANOS, ESTUDANTE DE ADMINISTRAÇÃO

O que estava fazendo antes do início do isolamento social: Estava na Itália com amigos

Vicente Augusto – Mirela, bom dia! Você é a única entrevistada que não tirou a máscara em nenhum momento.

– Bom dia! É que eu sofri muito preconceito e acho que fiquei meio traumatizada.

VA - Preconceito? Pode falar sobre isso?

– Eu estava na Itália duas semanas antes do isolamento começar aqui, quando cheguei meus amigos não queriam mais ficar perto de mim. Até sei que o certo era eu ter ficado mesmo de quarentena mas foi um choque pra mim saber que ninguém queria ficar perto, sempre estava rodeada de pessoas.

VA – Se eu entendi direito as pessoas estavam querendo se proteger, seguindo procedimentos recomendados pelas autoridades que você mesma citou que sabe que são certas. Mesmo assim sentiu que era vítima de preconceito?

- Senti sim e foi péssimo.

VA – Alguém chegou a lhe dizer palavras mais grosseiras ou expressar preconceito de forma direta?

– Desse jeito não mas falaram que eu tinha acabado de chegar de um lugar contaminado e era melhor ficar longe por um tempo.

VA – E como foi com a sua família

– Eles moram em outra cidade, depois que cheguei não os vi ainda.

VA – Após as duas semanas da quarentena preventiva você voltou a encontrar com seus amigos?

– Não porque aí já tinha começado o distanciamento oficial aqui.

VA – É bem claro que você gosta muito de estar com os amigos, como tem feito com essa... saudade? É isso?

– Não sei se é bem saudade, pensando agora parece muito estranho. Vim pra cá estudar e muita coisa mudou longe da família mas continuava a estar sempre com amigos e

amigas, saindo sempre, pessoas cuidando de mim, me convidando pra tudo: bar, festa, churrasco, viagem legal, viagem chata, casamento da prima distante, final de semana em um monte de lugar. Ficava meses sem ver meus pais e nem sentia falta. De repente veio isso... foi estranho pedir comida só pra mim, comer sozinha



ARISTIDES, 66 ANOS, BANCÁRIO APOSENTADO

Uma coisa sobre você que todos sabem: Que servi honrosamente o Exército.

VA - Boa tarde Seu Aristides

- Oi.

VA - Seu Aristides, muito obrigado por participar, antes de começarmos com as perguntas, tem alguma coisa que o senhor queira dizer?

- De nada!

VA - Mais algo que queira falar?

- Tem água tônica?

VA - Não, infelizmente não temos. Pode ser água natural mesmo?

- Não

VA - Vamos começar então, tudo bem? Como o senhor está se sentindo?

Silêncio, suspiro e depois um suspiro mais fundo ainda, e Seu Aristides começa a chorar. Alguém da produção leva uma caixa de lenços de papel.

VA - O senhor prefere fazer uma pausa e continuamos depois?

- Ok, meu filho obrigado, muito obrigado mesmo!

Seu Aristides pergunta onde está seu casaco e o chapéu, se recompõe, agradece a todos e vai embora sem olhar para trás apesar de praticamente todos chamarem seu nome. Alguém da produção foi atrás dele para pegar de volta a caixa de lenços.



ROBERVAL, 35 ANOS, SEGURANÇA

Cite um hábito que você tinha antes do isolamento e conseguiu manter: Puxar ferro todo dia.

Vicente Augusto - Olá Roberval!

– Oi.

VA - Pelo jeito você gosta muito de academia e vai ficar um tempo sem frequentar.

– Negativo. Puxo ferro todos os dias, sábado, domingo e dia santo. Moro na academia.

VA - Assim, você é dono e a casa é junto?

– Negativo, acabei ficando amigo do dono e ele tinha um cantinho lá que eu arrumei e estou morando e cuidando da academia. Aí treino todos os dias com a academia fechada.

VA - Então uma coisa da sua rotina não mudou.

– Positivo, quer dizer, mais ou menos. Antes a academia era cheia, tinha os parceiros, muita resenha, as brincadeiras, uma disputa ou outra, agora só tem que treinar sozinho e com a luz apagada senão a fiscalização ainda pode vir.

VA - E da sua rotina anterior o que você sente mais falta?

– Não é nem da rotina antes desse corona, porque a coisa já não tava normal. Eu trabalhava à noite em bar, balada, festa. Muito tempo, conheci muita gente, muita coisa. Na fase boa se quisesse trabalhava de segunda a segunda, com cachê bom, para a nata da sociedade em algumas festas fechadas, para rico não tinha crise. De repente as baladas começaram a fechar. Os donos falavam que os moleques não tavam saindo mais de casa, depois os bares que ficavam abertos até tarde, beber e dirigir tava dando multa e até cadeia e tinha também o Tinder, arrumar mulher tava mais fácil no aplicativo.

VA - Antes da pandemia você não estava mais encontrando trabalho?

– Pois é. Bar de happy hour só tem trabalhador e empresário, restaurante chique só tem família e homem com amante, essa gente não quer guerra com ninguém, o dono vai precisar de segurança pra que? E se precisar é por meio período, fecha cedo, uma da manhã é chave na porta.

VA - E o que você fazia antes do distanciamento social e agora não faz mais?

- Quase tudo.

VA - E dessas coisas, tem algo que você quer muito fazer?

- Ah muita coisa! Quero muito ver a academia cheia novamente, cumprimentar os parças, contar vantagem de pegar mais peso que eles no supino, conhecer uma menininha nova na esteira e trocar telefone, encontrar os colegas que conheci trabalhando na noite pra tomar uma e falar de uma casa nova que vai abrir e ir lá junto perguntar se vão precisar de segurança.



HUGO, 27 ANOS, PERSONAL TRAINER

Durante o isolamento você teve algum pensamento ou sonho recorrente? Descreva brevemente (opcional): Sim, falar para meus amigos mais próximos e para minha família que sou gay

Vicente Augusto - Vamos começar, Ok? Me diga seu nome e o que você faz.

– Meu nome é Hugo, sou personal trainer e estudo teatro.

VA - Você aderiu ao distanciamento social?

– No começo achei tudo muito exagerado. Ficava o dia todo com meus alunos, algumas noites ia para o curso de teatro ou ensaiar uma peça que estamos montando e não tinha tempo de ver as notícias. Ouvia os comentários e tal mas não tinha noção da gravidade. O dia que me toquei que a coisa era mesmo séria foi quando todos meus alunos

cancelaram a aula com a mesma justificativa. No terceiro cancelamento do dia, um aluno que tínhamos conversado a respeito uns dias antes e concordamos que deveria ser paranóia, ele me disse que estava pensando em parar por um tempo e que eu deveria também me cuidar para ter saúde quando tudo passasse. Fiquei me perguntando "tudo o que?". Enfim, na primeira semana só consegui dar dois treinos, na semana seguinte a academia fechou junto com todo comércio que não fosse farmácia e de comida, pessoal do teatro foi uns para casa de pais e parentes no interior, quem ficou aqui se isolou. Aí eu não tiver alternativa, foi bem difícil, minha casa pra mim era só pra dormir, não me lembro de uma única vez que tenha passado um dia inteiro dentro do apartamento antes disso.

VA - Vejo que você é uma pessoa bem agitada, ativa. Sente falta dos treinos, de atividade física?

– Sinto falta da vida, da minha vida! Para mim até então ficar em casa era uma coisa assim, de gente deprimida, sem amigos, anti-social, sei lá. Nunca me passou pela cabeça passar um final de semana em casa sozinho. Moro numa kitchnete dessas novas, de uns 18 m², tudo embutido, encaixado. Funcionava muito bem para minha outra rotina, agora me sinto numa caixa, parece que estou numa prisão.

VA - E o que você faz quando sente muita vontade de sair?

– Saí umas vezes para correr de manhã bem cedo. Tinha quase ninguém na rua mas é horrível correr com máscara,

as pessoas já ficam olhando torto normalmente se você tira a máscara aí pronto!

VA - Tem feito exercícios dentro de casa?

– Sim mas é difícil, como eu disse o apartamento é bem pequeno, tenho que tomar cuidado para não derrubar nada ou me machucar. Estou tentando dar aulas por vídeo conferência mas mesmo dando muito desconto consegui poucos alunos, tem dia que não tem ninguém.



SUELI, 21 ANOS, ESTUDANTE

Quanto tempo você acha que é capaz de ficar em isolamento social?

- ☐ Até 1 mês
- ☐ Até 3 meses
- ☐ Até 6 meses
- ☒ Mais de 6 meses.

VA - Como vai Sueli?

– Tudo bem

VA - Você é da área da Saúde e está em isolamento social, explica pra mim, aconteceu alguma coisa?

– Eu sou estudante, não trabalho ainda na área.

VA - Qual é o curso?

– Técnica em Enfermagem.

VA - Ok. Falta muito para terminar o curso?

– Ia me formar neste semestre, agora com essa parada não sei como vai ficar.

VA - Ou seja, se já estivesse formada estaria na linha de frente do combate. Já pensou nisso? Como acha que seria sua vida se já estivesse formada?

– Olha, já pensei sim várias vezes. Tem hora que penso que tenho sorte, ainda sou nova e não sei se suportaria já encarar a profissão desse jeito. Aí às vezes penso que se sirvo mesmo para isso já seria melhor começar com pandemia e tudo. Mas sei lá, ultimamente acho mesmo que tenho sorte. Tem muita gente morrendo, hospitais não tem nem equipamento para proteger os profissionais, acho isso um desrespeito, não tá certo e eu não queria passar por isso desse jeito.

VA – Você gosta do curso? Gostaria de voltar e se formar logo ou está repensando se vale a pena?

– Gosto muito de tudo, do curso, dos colegas, acho uma profissão muito bonita. Quero voltar rápido, sinto muita falta. Nunca fui de estudar mas tenho lido as apostilas para não esquecer. Minha avó e minha tia precisam de cuidados, tomar injeção, medir pressão e meus pais trouxeram para ficar conosco nesse período para eu cuidar delas e não terem que ir no hospital e correr o risco de se infectarem.

VA – Que bom que está podendo ajudar nesse momento! E o que falta? Há alguma coisa que não tem feito e quer muito?

– Pra ser sincera eu estou adorando essa fase, sinto até um pouco de culpa. Tanta gente reclamando, morrendo de vontade de sair na rua e voltar ao normal e eu adorando ficar em casa com minha família que eu gosto tanto e ainda sendo útil e valorizada por eles, além de ter tempo para fazer o que eu gosto.

VA – Que coisas que você gosta e agora tem tempo de fazer?

– Assistir tv e dormir.



ASTOLFO, 30 ANOS, GAROTO DE PROGRAMA

Nesse período de isolamento do que mais tem sentido falta:

Da noite.

VA – Tudo bem Astolfo? Podemos começar?

– Tudo tranquilo

VA - Tem sentido falta de algo nesse período de isolamento?

– Sair à noite, gosto muito da noite

VA – E quando bate essa vontade, você tem feito o que?

– Nos primeiros dias eu bebia mas o dinheiro estava acabando. Agora eu tento dormir.

VA – A sua rotina de sono mudou?

– Mudou sim. Tem dias que eu durmo o dia todo. De noite eu acordo bastante mas volto a dormir logo.

VA – No seu trabalho, acabou todo o movimento ou de vez em quando ainda aparece algum cliente?

– Qual trabalho?

VA – Na sua ficha consta que você é garoto de programa. Está correto?

– Na verdade eu estava tentando ser... Fazia uns bicos de garçom e não estava dando para pagar as contas

VA – Algum dos seus trabalhos tem demanda ultimamente?

– No começo tentei trabalhar com entregas mas o dono do bar resolveu fechar depois de duas semanas, não valia a pena abrir só para entregas.

VA – Você disse que o dinheiro estava acabando, o que vai fazer quando acabar?

– Não sei, estou muito preocupado com isso. Sinceramente achei que se fosse aprovado para a entrevista teria um cachê aqui

VA – Toda nossa comunicação explicava bem que não haveria remuneração. Infelizmente não temos orçamento para esse projeto. Você aceita prosseguir mesmo assim?

– Tá, podemos continuar.

VA – Nos dias que você dorme muito, como se sente depois?

– Eu queria dormir até isso acabar, acordar e voltar pra vida normal.

VA – Quando você acorda e vê que não acabou e ainda não tem data para acabar como é para você?

– Eu trabalhei num bar que o dono passou a vida inteira na noite. O avô tinha um bar, depois o pai. Ele foi criado do balcão para a mesa. O bar abria todos os dias da semana e só pagava comissão e gorjeta mas pra receber tinha que ficar até o bar fechar às 6 da manhã, não podia ir embora, e se o dono pegasse dormindo no banheiro também não pagava. Tinha noites que o último cliente saía às 2:00 e não entrava mais ninguém e eu ficava lá até o bar fechar, era muito ruim, o tempo não passava, os garçons ficavam torcendo para chegar alguém, nem que fosse polícia para tornar um café. Todo carro que passava mais devagar na rua a gente já ficava cheio de esperança de ser um cliente, o relógio parecia que funcionava em câmera lenta, teve muito garçom que depois de uma noite assim não voltava mais. Quando isso acontecia, umas duas ou três vezes por mês principalmente no inverno, eu ia para casa e só queria dormir e esquecer que o tempo pode passar tão devagar e a vida pode ser tão chata desse jeito. Ultimamente voltei a me sentir assim.



RENATA, 50 ANOS, ARQUITETA

Estado civil:

☐ Solteiro(a)

☐ Casado(a)

☐ Divorciado(a)

☒ Outro. Casada mas vivemos em casas separadas (sim, mesmo durante o isolamento social)

Vicente Augusto – Olá Renata, obrigado por estar conosco. Vamos começar, Ok?

– Posso ficar de óculos escuros?

VA – Acho que não é o ideal... você faz questão?

– Seria melhor.

VA – Ok então, pessoal da produção sinalizou que tudo bem.

– Obrigado, podemos começar então.

VA – Está conseguindo manter o otimismo mesmo nesses tempos?

– Até estava mas aconteceram algumas coisas desagradáveis, estou um pouco abalada.

VA – Algo relacionado à epidemia? Alguém próximo que ficou doente?

– Não. Coisas do coração...

VA – Humm, bem tenho uma pergunta aqui, agora não sei se é adequada. É sobre sua experiência com um casamento vivendo em casas separadas.

– Sem problema, pode perguntar.

VA – Então, como está sendo? Resolveram fazer uma exceção nesse período?

– Minha ideia era por aí, ficar junto. Mesmo achando que passaria rápido pensei que seria melhor ter companhia, até para segurar a vontade de sair.

VA – Seu marido não concordou?

– Não, preferiu manter tudo igual.

VA – E vocês conseguiram? Agora tem muita gente passando pelas mesmas coisas só que não está vivendo como antes.

– No começo sim, a rotina durante o dia mudou mas continuamos nos vendo três vezes por semana à noite. Nos finais de semana que estava estranho, muitas desculpas para um não ir para a casa do outro. Depois de três finais de semana consecutivos sem nos vermos, fui até a casa dele sem avisar e descobri que ele estava morando com outra mulher. Meu mundo caiu!

VA – Quer fazer uma pausa?

– Desculpe, ainda dói muito... Acho que podemos continuar

VA – Não há o que desculpar. Já não é fácil passar por essa fase, aí recebe um golpe desse! Você quer falar como está sendo passar por isso nesse momento?

– Quando tudo isso começou achava que em 20 ou 30 dias já estaríamos vivendo normalmente. Ia voltar a lecionar no semestre que vem e usaria o tempo em casa para preparar as aulas. A única coisa que eu não queria, pela primeira vez na vida, era ficar sozinha. Bem, ironicamente é isso que vai acontecer. No início tinha uns momentos que eu pensava "e se a coisa degringolar aqui e eu tiver que ficar dois ou três meses nesse apartamento?" mas aí vinha um medo, uma ansiedade e eu achava melhor continuar otimista. Antes todos os dias eram iguais, depois que eu descobri que estava sendo enganada, cada dia é diferente, pelo menos emocionalmente. Um dia é tristeza, no outro é angústia, já senti vergonha, hoje senti raiva e chorei novamente, só parei quando me lembrei que tinha que vir pra cá.

VA – A frase "quando isso passar" significa o que para você agora?

– Tento não pensar nisso. Me peguei com medo do isolamento acabar eu ter que encontrar meus amigos, a minha família e ouvir palavras de consolo, olhares de pena ou julgamento. No começo do ano eu estava vivendo uma das melhores fases da minha vida e agora isso parece uma ilusão. Vou viver um dia de cada vez, quando isso passar eu vejo como será.



JANICE, 32 ANOS, DANÇARINA

Diga porque deve ser chamado(a) para essa entrevista:

Gosto bastante de dar entrevista e quero muito

Vicente Augusto - Olá Janice, chegou cedo.

– É, estava ansiosa!

VA - Pois é, o pessoal disse que você queria muito participar.

– Estava com medo de ser insistente demais e me cortarem.

VA - Bem, deu certo, você está aqui, já esperou bastante então vamos começar.

– Ok, vamos combinar antes ou já está gravando?

VA – Não lhe explicaram na entrada? Nós não combinamos antes e você fica à vontade para não responder qualquer pergunta, basta me avisar.

– Não, vou responder tudo, pode perguntar qualquer coisa.

VA - Que bom! Obrigado pelo apoio e vamos começar. Diga seu nome e idade.

– Janice, 32 anos.

VA - Você não respondeu no formulário qual é a sua profissão.

– Dançarina virtual.

VA - Interessante. Pode explicar como funciona?

– Claro! Eu tenho um site, marco um horário para dançar ao vivo, as pessoas que querem me ver pagam e assistem.

VA - E você dança quais ritmos?

– Danço vários ritmos, os que dão mais audiência são funk, sertanejo e dança do ventre.

VA - Então você fica revezando esses três ritmos?

– Não, esses três são os que eu mais danço mas eu intercalo com outros para variar a audiência e atrair novos clientes.

VA - E qual você mais gosta de dançar?

– Balé Clássico, sou bailarina de formação. Mas dá baixa audiência, só faço na rede como propaganda, sem cobrança.

VA - Como tem sido na pandemia? Impactou sua audiência?

– Ah sim, aumentou bastante. Faço mais apresentações agora, com mais variações também. Baixei um pouco o preço e aumentei não só o número de pessoas que assistem como os mais fiéis estão assistindo mais vezes, até os ritmos que não costumavam assistir.

VA - O lado profissional vai bem, o lado pessoal como está? Como você tem se sentido?

– Não estou bem. É meio estranho reclamar, sei que é uma fase difícil para todos, muita gente perdendo o emprego, sem poder trabalhar enquanto para mim essa parte vai muito bem só que tem as outras coisas. Tenho medo de ficar doente, muito medo. Não só de corona mas sinto algumas dores pelo esforço, antes costumava me consultar periodicamente e agora nem pensar de ir ao médico, só se tiver insuportável. Minha família era pequena, sou filha única e meus pais se foram há pouco tempo. Uma tia minha, a parente que era mais próxima, que eu gostava mais, faleceu pouco antes do anúncio da pandemia, foi muito rápido da internação à morte. Algumas pessoas que foram ao velório e ao enterro pegaram o corona com todo

tipo de consequência e desde então eu estou muito tensa com toda essa situação. Talvez essa tensão esteja causando as dores novas que eu não tinha antes.

VA - E o que você tem feito para se cuidar?

– Terapia.

VA - Algo mais?

– Nunca tinha feito, achava que não precisava. Tentei para testar, não acreditava muito, a ainda mais on line mas tem me feito bem, me sinto melhor. Fumo maconha também, me ajuda a relaxar.

VA - Sua carga de trabalho aumentou, você começou a fazer terapia, mais alguma coisa mudou na sua rotina?

– Eu fazia Pilates e saía com amigos antes, sinto muita falta disso. Acabei um namoro complicado no começo da pandemia, fico tentando me convencer que era um relacionamento ruim para não me arrepender, ficar sem sexo é uma das piores partes. Aí vou estudar e criar novas coreografias, leio livros, assisto vídeos de dança, tento ocupar meu tempo para calar o medo, a ansiedade, o tédio, preencher a solidão e não pensar no que está acontecendo no mundo,

VA - E funciona?

– Quando não funciona tem a maconha. Enquanto a maconha não acaba, funciona sim.

VA - E quando acaba?

– Às vezes é um problema porque compro de um gringo que teve Covid no começo, assim que voltou de uma viagem internacional. Se ele não está disponível para trazer eu nem tento com mais ninguém, estou levando à sério o isolamento.



OSVALDO, 40 ANOS, MOTORISTA DE APLICATIVO

Qual é o sentimento que descreve melhor seu estado atual:

- ☐ Medo
- ☐ Tristeza
- ☐ Esperança
- ☐ Revolta
- ☒ Outro. Qual? Alívio

Vicente Augusto – Está pronto? Vamos lá?

– Vamos.

VA – O isolamento social interrompeu alguma coisa na sua vida?

– Algumas coisas, né? O estresse com certeza.

VA – Ficar em casa sozinho é tranquilo para você? Não gera outro tipo de estresse?

– Não pra mim. Não trabalhar e ver o dinheiro entrar é difícil mas me preparei para isso. Não me sinto sozinho em casa, na verdade agora converso com mais amigos numa semana do que conversava em um ano inteiro.

VA – Então a pandemia está sendo boa para você?

– Não, ter medo de ficar doente, não poder sair é ruim. Eu que resolvi ser bom para mim mesmo, viver de uma forma diferente do que tenho vivido nos últimos anos e tem dado certo.

VA – A maioria das pessoas foi pega de surpresa pelas consequências da pandemia, com você pelo jeito foi diferente. Teve acesso a alguma informação ou previsão do que está acontecendo?

– Faço parte dessa maioria, nunca imaginei que poderia acontecer o que está aí. Um dia saí de casa para trabalhar e as ruas estavam vazias, tipo feriado. Até o meio-dia não tinha ganhado nada. Conversei com algumas pessoas, li umas notícias internacionais para ver como estava lá fora e voltei para casa. Dormi, acordei, fui olhar minha conta bancária e fazer umas contas. Olhei o calendário e coloquei tudo no papel. Trabalhei 15 anos, nos últimos 4 eu ganhava pouco e tentava compensar trabalhando direto, parava só no Carnaval e Natal até o Ano Novo. Pensei que era a oportunidade de parar um pouco, dentro do possível fazer

coisas que eu queria há um tempo, voltar a conversar regularmente com meus amigos mais chegados, com a minha família, terminar de ler uns livros, começar outros, fazer um curso on line inteiro. Não tinha ideia de quanto tempo essa crise duraria mas tinha uma reserva para me manter até o final do ano ou um pouco mais. Decidi aproveitar a oportunidade.

VA – Já aprendeu algo novo?

– Comecei alguns cursos pela Internet, bem variado tipo Esperanto, contação de história, Yoga, registro de patentes, edição de vídeo, Finanças Pessoais e Matemática Financeira, esses dois últimos eu fiz completinho e já terminei, aprendi o suficiente para cuidar melhor do meu dinheiro.

VA – Quando o isolamento terminar o que você vai fazer primeiro?

– Quero rever meus amigos e minha família pessoalmente, abraçar, beijar, falar que gosto deles olhando no olho. Tenho falado com todas as minhas ex-namoradas, chamando todas para sair quando isso passar, duas já aceitaram.



AUTOR



Fernando Tomé é paulistano, consultor de inovação e escreveu esse livro para não enlouquecer nos momentos mais monótonos do isolamento social durante a pandemia entre Maio e Junho de 2020.

<https://about.me/fetoli>